

OFICINA DE ARTES VISUAIS DA FUNDAÇÃO GOL DE LETRA: POÉTICAS POSSÍVEIS

Amanda Lemos Gonçalves dos Santos¹

Resumo: Este trabalho pretende apresentar a oficina de Artes Visuais do Programa de Jovens, da Fundação Gol de Letra, como possibilidade de desenvolvimento estético, social, crítico e histórico, através do fazer, refletir e apreciar arte. Fundamentalmente, este processo contínuo, que abrange diversos aspectos de uma educação integral, torna-se um projeto educativo compartilhado. A partir da elaboração de conceitos e visualidades dentro do campo da Arte, apoiada por um processo prático e reflexivo, habilidades artísticas e sociais ampliam, de forma concomitante, uma percepção e compreensão estética. A oficina usa recursos técnicos e poéticos em vivências plásticas a fim de trabalhar de maneira lúdica e experimental as impressões subjetivas e coletivas da realidade expressadas nos desenhos, pinturas e demais representações.

Palavras-chave: Artes Visuais, Educação Integral, Gol de Letra, Cultura, Juventudes.

Introdução

A Fundação Gol de Letra é uma organização social brasileira fundada no ano de 1998 pelos ex-jogadores de futebol Raí e Leonardo, cujo principal objetivo é, entre tantas ações desenvolvidas ao longos dos anos, promover a educação integral de crianças, adolescentes e jovens em comunidades socialmente vulneráveis, usando o esporte, a cultura e a educação como ferramentas de transformação social. A fundação está presente nas capitais São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ) e contribui, ativamente, para o desenvolvimento humano e comunitário, oferecendo oportunidades de aprendizagem, convivência e cidadania com o suporte de atividades esportivas, culturais e artísticas, formação cidadã e programas de qualificação profissional e inclusão social.

No Programa de Jovens, em São Paulo, em particular, o trabalho voltado para as juventudes se organiza em três grandes eixos:

¹ Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestrado em Cinema e Narrativas Sociais pela mesma instituição de ensino. Atuou como comunicadora no projeto de extensão "Unifesp Negra: uma cartografia étnico-racial (Universidade Federal de São Paulo) e possui experiência profissional com TV, Rádio, Cinema, Teatro e Artes Visuais. Atualmente, trabalha como Arte Educadora no Programa de Jovens, na oficina de Artes Visuais, da Fundação Gol de Letra

(SP) e no Programa de Iniciação Artística (PIÁ), da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, como educadora audiovisual.

Empregabilidade – qualificação técnica e profissional, cursos gratuitos, preparação para inserção no mercado de trabalho; Formação de Monitores/Protagonismo – jovens se tornam multiplicadores e monitores de projetos, ganhando experiência, responsabilidade e papel comunitário; Arte, Comunicação e Linguagens – oficinas de arte, cultura, comunicação para desenvolver repertório, expressão, criatividade e engajamento social. Atualmente, este último eixo a ser mencionado, oferece oficinas de Teatro, Dança, Foto e Vídeo e Artes Visuais para jovens, tanto da comunidade da Vila Albertina quanto estudantes, a partir de 14 anos, de escolas estaduais da zona norte da capital paulista, parceiras do projeto.

Diante de uma realidade mais complexa, a educação contemporânea enfrenta o desafio de formar indivíduos capazes de compreender e transformar o mundo de forma crítica, criativa e sensível. Nesse contexto, a educação integral surge como pedra fundamental na estrutura e no planejamento das oficinas artísticas do programa. Surge, também, como proposta que busca o desenvolvimento dos jovens em todas as suas dimensões — intelectual, emocional, social, física e estética. Entre as diversas áreas do conhecimento que contribuem para esse processo, o ensino das artes visuais ocupa papel central, pois favorece a expressão, a sensibilidade e a construção da identidade dos estudantes.

A educação integral parte do princípio de que o aprendizado não se limita à aquisição de conteúdos, mas envolve o desenvolvimento pleno do sujeito. Assim, o ensino das artes visuais, quando inserido nessa perspectiva, promove experiências que estimulam a criatividade, a imaginação e o pensamento crítico, permitindo que os alunos expressem seus sentimentos e compreendam o mundo de maneira simbólica, mas não se limita, nesse sentido, como afirma Foucault (1970), que ao invés de decifrar símbolos para encontrar um significado oculto ou transcendente, a arte aparece como discurso, molda e é moldada pelas condições históricas e sociais em que é produzida e recebida. A arte, portanto, atua como linguagem universal e como ferramenta de autoconhecimento, comunicação e transformação social. Através da arte, é possível dialogar com a história, a ciência, a matemática e a literatura, promovendo uma visão interdisciplinar que aproxima o conhecimento da realidade do estudante. Essa abordagem estimula a curiosidade e a autonomia intelectual, elementos essenciais da educação integral.

Outro aspecto relevante é a relação entre arte, formação cidadã e ética, pois convida o aluno a observar criticamente o mundo das imagens e das representações culturais. Em uma sociedade marcada pela comunicação visual e pela diversidade, compreender e produzir imagens de forma consciente é um ato de cidadania. O ensino das artes visuais, nesse sentido, ajuda a desenvolver o respeito às diferenças, o diálogo e a valorização da cultura local e das identidades individuais.

Portanto, a educação integral no ensino das artes visuais é fundamental para o desenvolvimento humano em sua totalidade. Ao unir sensibilidade e razão, técnica e imaginação, a arte torna-se instrumento de formação estética e ética, contribuindo para a

construção de uma sociedade mais criativa, crítica e inclusiva. Assim, investir em práticas pedagógicas que integrem a arte à educação integral é promover não apenas o aprendizado, mas o florescimento pleno de cada estudante como cidadão e criador do seu próprio futuro, fabulações poéticas possíveis

Em linhas gerais, o objetivo deste trabalho é mostrar de que forma a oficina de Artes Visuais da Fundação Gol de Letra contribui para o desenvolvimento integral e prepara os jovens para a vida. De maneira específica, pretende evidenciar como esse espaço possibilita a experimentação de técnicas artísticas variadas, a compreensão da arte como expressão cultural e social, o exercício da leitura crítica de imagens e o desenvolvimento de habilidades sociais e criativas. Nesse sentido, demonstrar a oficina e o sentido do programa não apenas como espaço de técnica, mas de expressão, autoconhecimento, empatia e cidadania, cuja formação estética, alinhada às habilidades para a vida (comunicação, pensamento crítico, resolução de problemas, cultura de paz), ocupam um lugar de destaque para as juventudes.

Arte: liberdade e autonomia

A arte, entendida como forma de conhecimento e de expressão humana, desempenha papel essencial na educação integral. Segundo Ana Mae Barbosa (1991), o ensino de arte deve articular o fazer artístico, a leitura de imagens e a contextualização histórica, promovendo o desenvolvimento da percepção, da imaginação e da reflexão. Para Paulo Freire (1996), a educação libertadora baseia-se no diálogo e na experiência concreta do sujeito, estimulando a leitura crítica do mundo. Assim, a oficina de arte torna-se espaço de mediação entre a vivência cotidiana e a criação simbólica.

Inspirada também em John Dewey (1934) e Vygotsky (1982), a proposta da oficina compreende a arte como experiência estética que une emoção, pensamento e ação, ampliando as possibilidades de expressão e construção de sentido. A dimensão estética e crítica da arte, as juventudes e práticas sociais e o exercício de pensar a arte como instrumento de inclusão, pertencimento e protagonismo juvenil, é construído no próprio fazer artístico, de forma individual e coletiva, desde as primeiras aulas com a introdução às artes visuais, passando pela leitura de imagens e compreensão de elementos visuais, práticas variadas de desenho e pintura. O sujeito que participa de forma integral, assídua e comprometida, tem acesso a uma experiência educacional enriquecedora e, nesse sentido, “é preciso que o ensino de qualquer conteúdo seja feito de tal maneira que o educando vá se tornando sujeito da construção de seu saber” (FREIRE, 2004, p. 28).

A estrutura da oficina: desenhando camadas

As etapas do processo criativo nas oficinas

A oficina de Artes Visuais está organizada por etapas e conta com o apoio de estratégias de ensino, que se baseiam na mediação, experimentação, criação coletiva, diálogo com referências culturais (arte local, contemporânea, afro-brasileira etc) e experiências práticas marcantes, a exemplo da criação coletiva de murais, performances e exposições.

Ao promover experiências estéticas e criativas e, ao mesmo tempo, estimular o protagonismo e a autonomia dos estudantes, é possível refletir sobre a autonomia das imagens, que consolidam posições e práticas no campo das artes, pensando estrategicamente esses espaços, que são espaços de poder e de reprodução de uma lógica estruturalmente opressora e historicamente estereotipada. A arte indígena, por exemplo, que é usada como referencial teórico durante as aulas, não é apenas estética, mas um veículo para transmitir tradições ancestrais, conhecimentos cosmológicos e visões de mundo complexas que não se encaixam facilmente nas categorias ocidentais de "arte" ou "artefato".

A imagem, nesse sentido, carrega a potência da cura e da descolonização do pensamento. Portanto, novas formas poéticas possibilitam um novo olhar, um novo modo de produzir, pensar e participar: não como um pré-requisito, mas como florescimento e consolidação da autonomia e liberdade de criação e imaginação de objetos artísticos. Para tanto, recorrer a referências que dialoguem com essas práticas, torna-se um exercício coletivo de desconstrução e de valorização das diferenças.

Para Bogossian (2022), a autonomia das imagens indígenas, que tem, no nível prático, tantos desdobramentos para a gestão e o monitoramento do território, tem, no plano simbólico, ressonâncias igualmente potentes, onde são articuladas perspectivas não-brancas sobre o mundo e suas fabulações do futuro. A oficina de Artes Visuais do Programa de Jovens pode ser compreendida como um espaço de resistência simbólica e de reflexão crítica sobre a cultura contemporânea. Nesse sentido, Walter Benjamin (1987), em *Sobre o conceito de história*, ao afirmar que “não há documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, documento de barbárie”, convida-nos a repensar o papel da arte como produto histórico e social, permeado por contradições e desigualdades e de como podemos alterar essas percepções em sala de aula., destacando as tensões inerentes entre produção cultural e contextos de dominação. Essa reflexão revela que toda manifestação artística está atravessada pelas condições materiais e simbólicas de seu tempo.

Ao mesmo passo, em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, o autor discute como os processos de reprodução e difusão das imagens transformam a experiência estética, ampliando o acesso, mas também alterando a “aura” da obra. Assim, a prática artística desenvolvida na oficina, ao articular o fazer e o refletir, permite que os jovens percebam a arte tanto como expressão individual quanto como fenômeno coletivo e histórico, inserido em um contexto de disputas simbólicas e transformações tecnológicas. Na obra, o autor discute as transformações provocadas pela difusão tecnológica da imagem, que alteram a experiência estética e a relação do sujeito com a obra de arte. Dessa forma, a oficina, ao articular o fazer artístico à reflexão crítica, possibilita aos jovens participantes compreenderem a arte não apenas como expressão individual, mas como campo de mediação

social, de leitura histórica e de posicionamento diante das transformações culturais e tecnológicas contemporâneas.

A oficina foi estruturada a partir de uma abordagem qualitativa com características de pesquisa-ação, em que o educador atua, simultaneamente, como mediador e observador. As atividades são desenvolvidas em encontros semanais, privilegiando a aprendizagem significativa por meio de vivências práticas, diálogos e experimentações. A proposta metodológica baseia-se nos princípios das metodologias ativas, nas quais o estudante é protagonista do próprio processo de aprendizagem.

As estratégias utilizadas incluíram: “aprender fazendo”, rodas de conversa, produção coletiva, curadoria digital e projeto de vida. O percurso formativo foi orientado pelos eixos aprender, conviver e multiplicar: aprender: desenvolver habilidades cognitivas, técnicas e expressivas através da prática artística; conviver: fortalecer vínculos afetivos e o trabalho em grupo, valorizando o respeito e a empatia; multiplicar: compartilhar saberes e resultados com a comunidade, ampliando o impacto social da arte.

- Aprender fazendo: os jovens aprenderam por meio da experimentação direta, explorando técnicas de desenho, pintura e intervenção urbana.
- Rodas de conversa: promoveram espaços de diálogo e reflexão sobre arte, território, identidade e cidadania.
- Produção coletiva: as obras foram concebidas em grupo, estimulando cooperação e autoria compartilhada.
- Curadoria digital: os participantes pesquisaram referências visuais e artísticas, exercitando a leitura crítica de imagens.
- Projeto de vida: cada jovem elaborou um plano pessoal relacionando suas aspirações e valores à prática artística.

A oficina está estruturada em três unidades, sendo a primeira: “Integração e fundamentos de arte”. Nesta etapa inicial, os participantes foram acolhidos e convidados a refletir sobre suas trajetórias e expectativas. Foram trabalhados fundamentos de arte, desenho e leitura de imagens, articulados à construção do projeto de vida. Essa unidade buscou despertar o olhar sensível e a expressão pessoal, fortalecendo a integração do grupo. Já na segunda unidade, intitulada “Arte urbana e experimentações”, há a introdução do estudo da arte urbana e suas múltiplas linguagens. Nesse momento, foram realizadas visitas culturais e experimentações com materiais e técnicas diversas, culminando na elaboração de um projeto artístico coletivo. O diálogo entre arte e espaço público despertou nos jovens o senso de pertencimento e responsabilidade social. E, por fim, a terceira unidade - “Execução e culminância”, os grupos realizam a execução prática do projeto coletivo, que se concretiza

em uma exposição/mural/intervenção artística aberta à comunidade. O processo é acompanhado por registro audiovisual e documentação fotográfica, servindo de base para a análise e a socialização dos resultados.

Resultados e desdobramentos

Durante a oficina, observou-se o envolvimento crescente dos participantes na experimentação de técnicas e na elaboração de temas ligados à sua realidade. As produções artísticas revelaram narrativas pessoais e coletivas sobre identidade, território e futuro, demonstrando a potência da arte como meio de expressão e reflexão, aumento da autoestima, capacidade crítica e valorização da identidade.

O espaço de criação mostrou-se também como território de diálogo e convivência, favorecendo o fortalecimento de vínculos e a valorização da diversidade de perspectivas, seja dentro da comunidade em que vivem ou no ambiente escolar, onde expressaram-se na integração, diálogo entre áreas e reconhecimento da arte como eixo central. De fato, os jovens ampliaram o repertório cultural e estético, desenvolveram autonomia, empatia, protagonismo e consciência crítica. Além de suas produções artísticas tornarem-se expressão de identidade e diálogo com o território. Esses resultados dialogam com os princípios da arte-educação e da educação integral, reafirmando a importância da arte como dimensão fundamental da formação humana e a oficina como espaço de pertencimento e preparação para desafios da vida.

A vivência evidenciou que a educação integral, quando associada à arte e às metodologias ativas, promove aprendizagens significativas e formação cidadã. Os jovens ampliaram suas capacidades de expressão, cooperação e análise crítica do entorno. A arte funcionou como linguagem mediadora, favorecendo o diálogo, a construção coletiva e a transformação pessoal. Como destaca Freire (1976, p. 45), “a cultura é criação humana e, como tal, deve ser instrumento de libertação, não de domesticação”.

O processo culminou com a socialização pública das produções, momento em que os participantes se reconhecem como autores e agentes culturais. Esse reconhecimento confirma o princípio freireano de que a educação é um ato de criação e esperança, capaz de humanizar e libertar.

Considerações finais

A oficina de artes visuais, estruturada com base na educação integral e nas metodologias ativas, demonstrou ser um espaço potente de aprendizagem e transformação. Ao integrar teoria e prática, razão e sensibilidade, o projeto possibilitou que os jovens se tornassem protagonistas de sua própria formação.

A experiência reafirma que a arte, quando vivida de forma dialógica e coletiva, constitui um caminho para o desenvolvimento integral e para a construção de uma cultura de paz,

respeito e liberdade. A arte afirma-se como instrumento de transformação individual e coletiva, ao articular o fazer artístico à reflexão crítica, promove um processo educativo que integra razão e sensibilidade, conhecimento e emoção.

Uma forma de arte que combina a linguagem visual, que expande a imaginação e a experiência, reconhece a si mesmo de forma integral (caráter, crenças e pensamentos), reconhece o seu território e as relações socioculturais e os impactos na construção da sua identidade (pluralidade diversidade) com arte educação libertadora, integral e compartilhada, avessa às estruturas sociais e ideológicas da educação, por diversas vezes, tão rígidas. A relação entre escolas e prisões, segundo Foucault (2005), é a de instituições disciplinares que utilizam a vigilância e a punição para moldar os corpos e comportamentos dos indivíduos, tornando-os dóceis e úteis para a sociedade. A escola, assim como a prisão, opera através de relações de poder para "adestrar" os sujeitos, através de horários rígidos, hierarquias e normas, um processo que Foucault chamou de poder disciplinar.

Conclui-se que espaços como este fortalecem o protagonismo juvenil, estimulam a leitura crítica da realidade e ampliam o repertório estético dos participantes. A experiência aponta para a necessidade de que políticas públicas e instituições educativas reconheçam a arte como componente essencial da formação integral.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação Ioschpe, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 165–196. (Obras escolhidas, v. 1).

_____. **Sobre o conceito de história**. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222–232. (Obras escolhidas, v. 1).

BOGOSSIAN, Gabriel. Autonomia das Imagens. SP-Art, 2022. Disponível em: [Autonomia das imagens - SP-Arte](#). Acesso em: 09 nov. 2025.

DEWEY, John. Art as experience. New York: Minton, Balch & Company, 1934. (Ou a editora da edição específica que você utilizou, como Penguin ou Southern Illinois University Press).

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VYGOTSKY, L.S. Obras Escolhidas: problemas de psicologia geral. Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 1982.

Anexos



























